

O futuro e a ética da inclusão

Maria Cristina S. Furtado¹

Em março, de 2020, como em todo o resto do mundo, o Brasil entrou em quarentena. Um isolamento social necessário que salvou milhares de vidas, e de acordo com os maiores especialistas, da área de infectologia, foi flexibilizado antes do tempo, provocando um crescimento enorme de contaminações e mortes, que ultrapassam a marca de cem mil vidas perdidas, e tudo indica que crescerá muito mais. Apesar disso, estamos retornando a algo parecido com as atividades que tínhamos, anteriormente, e tendo que aprender a conviver, até, pelo menos, a vacina chegar, com o medo de algo invisível que possa estar: - nas pessoas que se encontram, ao nosso lado, no ônibus, no metrô, no shopping, na escola, na faculdade; - naqueles que retiram a máscara e passam, por nós, falando ao telefone, ou com o amigo, sem o menor cuidado de contaminar quem está ao redor; - aqueles que mostram ter medo de nós, pois também não sabem se estamos contaminados; - nas pessoas que negam o que está acontecendo, e de forma egoísta, rejeitam usar máscara, fazer a higienização necessária, e até, sabendo-se portador do vírus, decidem sair às ruas, misturando-se aos demais; - escondido nas roupas, nos sapatos, nas compras, nos cadernos, nos livros, em nós, e em nossos ente queridos, mesmo passando por grande higienização. A verdade é que conhecemos, ainda pouco, o nosso inimigo, e o menor descuido, pode levar a contaminação. Muitas pessoas são assintomáticas ao vírus, outras reagem, sem grandes problemas, com apenas uma gripe, mas outros, independentemente, da idade, e do meio social têm sérias complicações, e inúmeras vezes, é fatal. Embora, a maior devastação esteja ocorrendo nas áreas mais pobres, pela falta de material e condições de higiene, milhares de vidas estão sendo perdidas, nos mais variados endereços, em todo o Brasil.

¹ Doutora em teologia sistemática (PUC-Rio), Especialista em educação (PUC-RS) e Psicóloga. Professora colaboradora externa, na UFRJ/Macaé, com o projeto 'Espiritualidade e Saúde'. Diretora do Centro de Estudos GDSV/Rio. Membro fundador da rede TeoMulher. Escritora, com 9 livros infanto-juvenis, 60 músicas gravadas, e várias publicações nas áreas de teologia, psicologia e educação.



Mas como será o mundo após a pandemia? Esqueceremos tudo o que vivemos, e simplesmente voltaremos ao mesmo “normal” de antes ou iremos desejar e lutar por um mundo diferente? Todos os ódios continuarão? O Desrespeito à natureza? O desprezo pelo diferente? Nada mudará?

Tem-se falado em grandes mudanças, mas acredito que existirão pessoas que continuarão negando a pandemia, agindo de forma egoísta, reclamando pelo direito de ir e vir, sem se importar com os demais. Teremos pessoas interessadas em tirar vantagens financeiras e políticas das situações, e dizendo-se cristãs, utilizar-se-ão do nome de Deus para discriminar, excluir, ferir, e eliminar da sociedade, os que não lhe interessarem. Mas, existirão aquelas que tiveram uma forte experiência de perda, ou sentiram o medo da morte, ou tiveram contato com pessoas que estavam sofrendo, e conseguiram sentir suas dores. Ou ainda pessoas que já possuíam ou se permitiram, de alguma maneira, talvez pela reflexão, oração, e meditação, a necessidade de uma harmonia com a vida ao seu redor, e deixaram que o espírito de solidariedade, de esperança, e amor tomassem conta dos seus corações, sentindo-o na percepção ética de mundo, do outro, do Transcendente, e delas próprias. E existem aquelas pessoas que desejam mudanças, percebem que a transformação é necessária, mas ainda não tiveram a oportunidade de ler, de pensar sobre o assunto, e nem meditaram sobre a vida, e a responsabilidade que, cada pessoa, possui, como ‘agente de transformação’ para termos um futuro mais humanizado, solidário, justo, com mais amor.

O texto abaixo foi dedicado a todas as pessoas que já deram início à mudança, ou simplesmente a desejam. E creiam, a única forma que acredito que isso possa acontecer, é através do resgate de algo que está há muito tempo esquecido: a ética.

Ética

A palavra ética vem do grego ‘ethos’ e está ligada ao nosso modo de ser. Foi criada e pensada pelos gregos, em uma época que as cidades estados estavam se desenvolvendo, e era necessário conscientizar o povo da importância de se pensar em ações que gerassem, em benefício de todos, harmonia, fidelidade, e honestidade. É diferente de ‘moral’, embora muitos a confundam. “A ética está associada ao estudo fundamentado dos valores morais

que orientam o comportamento humano, em sociedade, enquanto a moral são os costumes, regras, tabus e convenções estabelecidas por cada sociedade” (OAB, 2015). Em outras palavras, a moral baseia-se em normas feitas por grupos sociais para se chegar a um fim, podendo-se utilizar de meios violentos ou viciosos. Já a ética ‘questiona’, não aceita qualquer meio, e rejeita a violência. Ela traz critérios de comportamentos que nos ajudam a viver em sociedade e possibilitam a formação integral do ser humano para viver com dignidade, honestidade e solidariedade. Um mundo sem ética é desumanizado.

É importante não confundir ética com a prática da lei, pois só as atitudes “não éticas” que estão enquadradas na lei, sofrem penalidades do Estado. Por exemplo, discriminar outra pessoa é uma atitude antiética, mas a discriminação do negro, no Brasil, só foi considerada ‘crime de racismo’, em 3 de julho de 1951, a partir da lei n.1.390/51 (Lei Afonso Arinos). Da mesma forma, as discriminações homofóbicas e transfóbicas, passaram a ser consideradas crime, em 2019, quando o Supremo Tribunal Federal as enquadrrou como crime de racismo. Segundo a lei: “Quem ofender ou discriminar *gays* ou transgêneros estará sujeito à punição de um a três anos de prisão. Assim como no caso de racismo, o crime será inafiançável e imprescritível” (O GLOBO, 2019).

Na atualidade, ouve-se falar muito em ética e moral, no entanto, a confusão entre os dois conceitos é grande, e o que vejo, é a cobrança do uso da ética aos políticos, governos, órgãos públicos, empresários, polícia, e realmente, é necessária, mas é fácil perceber a falta de ética de grande parte das pessoas que fazem as cobranças. Segundo o teólogo Leonardo Boff, a falta de ética pode ser revelada nas mínimas coisas, “desde as mentirinhas ditas em casa aos pais, a cola na escola ou nos concursos, o suborno de agentes da polícia rodoviária quando alguém é surpreendido numa infração de trânsito, até em fazer xixi na rua” (BOFF, 2016, p. 6). Acredito que possamos acrescentar que a falta de ética se encontra ainda no desrespeito aos relacionamentos pessoais, nas mentiras espalhadas nas redes sociais (*fake News*), no *cyberbullying*, e através das postagens ofensivas repletas de ideologias políticas, misoginia, gordofobia, racismo, LGBTfobia, intolerância religiosa, e no desrespeito ao meio ambiente. Em relação a este último item, é

muito urgente perceber onde está nos levando a falta de ética ao meio ambiente. Desde a caça e o tráfico de animais silvestres, a invasão de terras indígenas, o desmatamento das florestas, as queimadas, o garimpo, e o mercúrio jogado nos rios, todos são aspectos seríssimos que estão aumentando, de forma alarmante. Precisamos ter em mente que a conservação da Amazônia, e de todos os biomas brasileiros, é essencial para o nosso clima, o do mundo, e a preservação da nossa espécie. É necessário também haver uma atenção especial à crescente poluição dos oceanos, que estão sendo usados como depósitos de óleo, e detritos, alguns muitos tóxicos. O lixo jogado nas praias e despejado nos oceanos, em sua maior parte é 'plástico', e tem sido responsável pelo estrangulamento e ingestão por animais mamíferos, répteis, pássaros e peixes, levando-os, na maioria das vezes, a morte. Esta é considerada “uma das maiores ameaças à vida selvagem e conservação da biodiversidade” (WWF,04/03/2019).

Para termos um futuro melhor, precisamos voltar a prestigiar a ética, e objetivar, através dela, os fins desejados. É necessário valorizá-la dentro de nossas casas, nas escolas, nas igrejas, e nos demais ambientes. Priorizar o respeito ao outro, independente de etnia, sexo, gênero, diversidade sexual, religião, e pensamento político. Jesus deixou-nos apenas um mandamento: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a sua vida pelos amigos (Jo 15, 12-13). Ele não determinou a que pessoas amar, apenas disse para amar, e é isso que aqueles que se dizem seus seguidores, precisam fazer: amar.

Segundo o filósofo, e sociólogo Theodor Adorno, é vital para a sociedade que, desde a mais tenra idade, as crianças venham a ter uma educação voltada a não se repetir a barbárie dos campos de concentração de Auschwitz, durante a segunda Guerra Mundial. Segundo este autor, os elementos que levaram à tragédia vivida, nesses campos de concentração, ainda estão na sociedade. “Toda educação deve ter esse objetivo e deve ser elaborado um projeto educacional voltado para a liberdade” (ADORNO, [1965[1966]]). De acordo com Freud, a educação é o único meio de se evitar a violência. A vida instintiva precisa se submeter à razão. Para Freud, “o que diferencia uma educação saudável de outra doentia são os

valores éticos e o predomínio de amor ou ódio nos educadores (FREUD; EINSTEIN, [1933 [1932]]).

A ética do outro

O filósofo Emmanuel Lévinas vai além, e elabora uma ética que prioriza o outro, surge a partir do outro: a ética da alteridade. Lévinas reconhece que o ser humano é um homem-em-relação com ele próprio, com o mundo, com o outro, e a Transcendência, mas tem a sua subjetividade voltada para si mesmo. Isso o leva à tendência de aceitar só o que ele pensa, de acordo com os seus padrões referenciais. Dessa forma, “as outras culturas, religiões e organizações sociais passam a ser hierarquizadas e julgadas sempre a partir desta posição referencial” (MIRANDA, 2008). Constantemente, esta forma de pensar, leva ao preconceito, à discriminação, podendo levar à violência física, e a guerra. Para que isso seja evitado, é necessário despertar a subjetividade para a Transcendência e para o ‘outro’. É preciso ir além do próprio ser, olhar para o rosto do diferente, e se chocar com a diferença, descobrindo nele, o ‘outro’, marginalizado, excluído, discriminado, como a quatríade bíblica: ‘o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro’. Este, por ser tão diferente, não pode ser transformado ‘em um igual’, e a primeira reação é rejeitar, afastá-lo, percebê-lo como um perigo, desejando eliminá-lo. Mas, segundo Lévinas, este olhar, este rosto marcado pelo sofrimento, revela-nos Deus, e Ele nos remete ao outro, porque Deus já marcou, cada ser humano, antes mesmo de nos tornarmos ser.

Na ética onde o outro é privilegiado, o ser humano é chamado a dar o grande passo para a maturidade, e assumir responsabilidades através da sua própria decisão, respeitando o outro, como ele é, cuidando da natureza, e priorizando a vida. A primeira palavra cabe ao ‘outro’, e ela nos questiona, dando responsabilidade à subjetividade, possibilitando vivências de relacionamentos sociais, religiosos, sem ideologizar ou mitificar, permitindo ao ser humano tornar-se uma pessoa sociável, ética e misericordiosa.

Segundo Lévinas, “o Infinito (Deus) apresenta-se como rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes, e se levanta dura e absoluta do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua

miséria”. (LÉVINAS, 2008, p. 194) Para ele, se o ‘eu’ conseguir compreender e colocar-se no lugar do outro, não irá eliminá-lo, não o matará, ao contrário, aproximar-se-á do Outro. É aí que começará a transformação capaz de levá-lo a se sentir até responsável pela humanidade, onde o outro, o oprimido que sofre e morre é sua responsabilidade, podendo chegar a renunciar a si mesmo, os seus direitos e de defender a própria vida.

A ética de Cristo

A ética do outro, de Lévinas, antes de tudo, fala-nos de um amor incondicional, o que nos remete, a ética de Cristo, onde, segundo José M. Castillo, o amor está em primeiro lugar. No sermão da Montanha, (Mt 5-7) podemos perceber esta ética, na qual a moral das obrigações religiosas dá lugar à felicidade. Como diz Garcia Rubio, o ‘Deus cristão’ é ‘todo poderoso no amor’, e através de sua autocomunicação sempre se revelou interagindo com o ser humano, tendo o clímax de sua revelação, em Jesus Cristo. Ainda hoje, através do Espírito Santo, o Deus cristão continua a se autocomunicar em seu infinito e incondicional amor, e espera que o ser humano corresponda, dando continuidade à vivência deste amor. De acordo com Garcia Rubio, o ser humano só é capaz de mudar, se conseguir superar o medo do diferente, e do próprio narcisismo. Nesse caso, “na relação com Deus a pessoa é capaz de se abrir à sua novidade, de aceitar a sua transcendência e de acolher a sua interpelação” (RÚBIO, 1993, p.24), superando a tentação de ter um Deus de acordo com a sua expectativa humana. No entanto, muitos passam a vida, superficialmente, e jamais se abirão ao outro.

A ética da inclusão

Para pensarmos em um mundo diferente, é preciso abrir-se ao outro, pois esta abertura é amor, é vida, é respeito. Só uma reflexão teológica inclusiva, onde no coração de Deus há lugar para todos, isto é possível. Uma reflexão, onde Ele está conosco, quando estamos sós ou na multidão, chorando, sorrindo e lutando por justiça, levando-nos à vivência de uma ética que inclui, ativamente, todas as pessoas, com os mesmos direitos, deveres, vivendo, mais do que a

igualdade, a paridade, e o respeito ao diferente. Só assim poder-se-á ter a dignidade, e a paz desejada. Uma ética que privilegia a vida, o amor incondicional, e a dignidade do ser humano, como em Mt 25,33-40, Jesus nos mostra. “[...] Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).

Conclusão

Como diz o Papa Francisco, “[...] onde há um muro, há fechamento de coração! Precisamos de pontes, não de muros!” (Mundo ao minuto, 9/11/2014). Jonatan Sacks sugere como caminho para se chegar à paz, a ‘teologia do outro’, na qual através da ética, procura-se gerar um desejo de identificação com o outro, renunciando ao poder, ao ódio, e optando pela vida ao ser capaz de se imaginar como o Outro.

Não será este o momento da transformação? Onde através do outro possamos chegar à “teologia da inclusão”, capaz de nos libertar do egoísmo, e permitir vivenciar a ética da alteridade, a ética do Cristo, a ética da inclusão, onde o amor incondicional está presente. Poderia ser esse o caminho para um novo futuro pós pandemia? Desejo, ardentemente, que sim, pois só uma sociedade que inclui a todos e todas, compreende o que Deus nos diz: Misericórdia quero, e não sacrifícios...” (Os: 6,6; Mt, 9,13).

Reflexão

1. Onde me enquadrar neste texto?
2. Em que a ética pode ajudar a transformar o mundo?
3. Qual seria a transformação proposta pela ética da inclusão?

Bibliografia

ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz, (1965 [1966]). *Educação On-line*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Disponível em: <<https://rizomas.net/arquivos/Adorno-Educacao-apos-Auschwitz.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006. Mt, 9,13; Mt 5-7; Mt 25, 33-40).

BOFF, Leonardo. A escandalosa falta de ética no Brasil. *Carta maior*, p. 6, 14 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-escandalosa-falta-de-etica-no-Brasil/4/36455>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

FREUD, Sigmund; EINSTEIN, Albert. *Por que a guerra?* Reflexões sobre o destino do mundo [1932 ou 1933]. Edições 70, 2018. [Kindle]. Acesso em: 5 jan. 2015.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70 Ltda, Portugal, 2008.

MIRANDA, José Valdinei. *Ética da Alteridade e Educação*. UFRS. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 2008. Disponível em site: <http://hdl.handle.net/10183/14654>. Acesso em 10.nov.2010.

MUNDO AO MINUTO. *Precisamos de pontes, não de muros*. Disponível em: <https://www.noticiasaoiminuto.com.br/mundo/79879/precisamos-de-pontes-n%C3%A3o-de-muros-diz-papa-francisco>. Publicado em 09. nov. 2014. Acesso em 14.ago.2020

OABSP. Tribunal de ética e disciplina. *E-4.498/2015*. Publicado em 2015, Disponível em: <<http://www.oabsp.org.br/tribunal-de-etica-e-disciplina/ementario/2015/E-4.498.2015>>. Acesso em 13.ago.2020.

RUBIO, Alfonso Garcia. *Nova evangelização e maturidade afetiva*. São Paulo: Paulinas, 1993.

SOUZA, André de. STF criminaliza a homofobia. *O Globo*. 13 jun. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/stf-criminaliza-homofobia-1-23738546>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

WWF. *Brasil é o 4º país do mundo que mais gera lixo plástico*. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?70222/Brasil-e-o-4-pais-do-mundo-que-mais-gera-lixo-plastico>. Publicado em 04.mar.2019. Acesso em 27.jul.2020.